

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2022

A LINGUAGEM ANTIRRACISTA NOS ROMANCES FEIRENSES: “SETEMBRO NA FEIRA” (1986) e “O BICHO QUE CHEGOU A FEIRA (1991).

**Hanna Beatriz da Silva Figueredo¹; Clovis Frederico Ramaiana Moraes
Oliveira²**

1. Bolsista PIBIC, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: hannafigueredosilva@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cfrmoliveira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Identidades;Semiárido;Lexicografia.

INTRODUÇÃO

Os romances feirenses, setembro na Feira (1986) e o Bicho que chegou a Feira (1991), possuem como objeto narrativo as configurações raciais da Feira de Santana. Juarez Bahia e Muniz Sodré, seus autores respectivamente, produzem alegorias das suas vivências de gentes pretas nas ruas da cidade. A escolha de alegorias para tematizar é reveladora de uma inquietude com a narrativa oficializada, aquela responsável pelo apagamento das gentes pretas do cenário urbano, como apontam Silva e Oliveira (2020: p. 423). Para enfrentar a questão, o ponto de partida foi a reescrita da história da dita Princesa do Sertão.

Bahia, nascido em 1930, usou suas memórias da adolescência, especialmente os tempos da ditadura do Estado Novo (1937-1945), para reconstruir a história de Feira de Santana sob o ponto de vista das gentes pretas e periféricas. A reescrita do moço da Queimadinha insistiu em visibilizar as formas culturais marginalizadas e agentes históricos que não tiveram seus nomes contemplados nas placas indicadoras do progresso. Imaginou uma cidade povoada pelo saber religioso e que disputava a memória do lutador negro Lucas da Feira. Muniz sobre, nascido em 1942, usou outra ditadura como instrumento para a recriação da história da Feira de Santana: a de 1964. Lucas também foi mote da escrita de O bicho que chegou a Feira, mas, diferente do que fez Bahia, Sodré alegorizou famoso escravizado rebelde como uma entidade mobilizadora de uma força criativa que disputava o tempo em luta e aterrorizava os poderosos, para eles era preciso acabar com Lucas para afugentar outras rebeldias (Sodré: 1991, p.69).

Para além do contexto histórico, que é facilmente identificado, podemos reconhecer uma linguagem antirracista nesses romances. As análises foram feitas sob a orientação do professor Clóvis Ramaiana Oliveira, onde foram discutidos os fundamentos da linguagem antirracista, as próprias peculiaridades das falas, assim como as contribuições historiadoras dos romances, ao longo dos meses de Iniciação científica. A linguagem antirracista é compreendida aqui como um modo de se comunicar que procura enfrentar o racismo e fomentar a equidade racial. Ela implica em utilizar palavras, construções de frases e expressões de maneira consciente, evitando contribuir para a manutenção de estereótipos, preconceitos e discriminações raciais. Nos livros aqui

analisados, percebemos a promoção de termos, conceitos, que afirmam a identidade e a diversidade racial, mas sobretudo podemos perceber personagens criticando a conjuntura em que estão inseridos, procurando compreender uma sociedade que muitas vezes perpetua o não saber.

Desse modo, a perspicácia dos personagens na compreensão do processo histórico em que estão inseridos, se constitui também como uma linguagem antirracista. Como afirma Frantz Fanon, no livro “Pele negra, máscaras brancas” (2008): “(...) Naturalmente, do mesmo modo que um judeu gastar dinheiro sem conta-lo é suspeito, o negro que citou Montesquieu deve ser vigiado.” (2008, p.47). As personagens negras existentes nos romances aqui analisados, pensam as construções históricas e o papel de seus semelhantes nesse processo, se tornando assim agentes ativos e não passivos da realidade histórica, se movimentam com autoridade em um cenário opressor e limitador. Criticam a modernização excludente e violenta, elaboram discursos antirracistas como instrumental de resistência. A pesquisa deve-se à necessidade de entender melhor os feirenses, em seus vieses culturais e sociais, uma vez que analisamos um produto cultural, que contém em si, pensamentos, acontecimentos e narrativas próprias do tempo em que estes livros foram produzidos. Os sertanejos pretos e pardos que nos romances ganham protagonismo, recebem um destaque que por vezes, a estes não são proporcionados.

MATERIAL E MÉTODOS

As fontes utilizadas foram as fontes literárias, encontradas em diversas bibliotecas e livrarias locais, a produção literária feirense, apesar de não muito divulgada, se apresenta de maneira acessível a aqueles que por ela buscam. Segundo Lynn Hunt (1992, p. 8-21), a partir de uma “nova história” que passa a considerar diferentes tipos de fontes para além das documentações oficiais, a história das mentalidades e aquilo que compõe o pensamento humano passa a interessar aos historiadores, desde então, torna-se questão de tempo para que os elementos culturais se tornem relevantes para os estudos históricos e assim a nova história cultural passa a pensar o social como um produto construído culturalmente, a cultura passa a ser entendida como expressão e tradução da realidade, por meios simbólicos ou não. No passado, para entender a cultura, era necessário preliminarmente entender a economia e o social que estruturam a sociedade escolhida, para a nova história cultural a cultura já se configura como um modelo por si só explicativo, capaz de conduzir a compreensão de outros aspectos, podendo inclusive, a princípio se analisar o cultural para então entender o social. Ainda seguindo esse método de fazer história, para Chartier (2009) os aspectos da realidade podem ser encontrados nas produções culturais, por meio das representações, a produção do texto literário aponta imagens, construções feitas a partir do real vivido.

DISCUSSÃO

Para entender as potencialidades históricas dos romances, torna-se necessário, contextualizar o tempo político que moldam as atitudes e pensamentos adotados pelos personagens. Em “Setembro na Feira” (1986) encontramos Florêncio e sua amada Adélia, uma Bahia em processo modernizador, e um Brasil que está sob o controle de Getúlio. O período da ditadura Getulista é um capítulo intrincado na história do Brasil, caracterizado por conquistas tanto no âmbito social quanto econômico, porém também assinalado pela supressão política e pelo acúmulo de autoridade no governo central. As avaliações sobre o legado de Vargas e sua condução nesse período permanecem em discussão até os dias atuais, apresentando interpretações divergentes sobre o impacto que tiveram na sociedade e na política brasileira. É mencionado no livro, que durante a inauguração dos “Currais

Modelo” em Feira de Santana, o chefe do Estado Novo, teria cancelado sua viagem a território feirense por temer ataques à sua vida. (1986, p. 26-31)

No “Bicho que Chegou a Feira” (1991), temos menções recorrentes a um personagem, “o bicho”, um capelão polonês que é mandado para Feira após uma disseminação de almas comunistas. Aos olhos dos autores aqui analisados, Feira possui tendência à disseminação de ideias de resistência à dominação. O “bicho” que consegue fazer todos temerem, trata-se da força estatal que adentrava, trazendo consigo o controle dos corpos, intrínseco à ditadura de 1964. O golpe aplicado pelos militares para o controle do Estado, não está separado do conjunto das relações sociais, mesmo no sertão, Muniz Sodré faz referências a como a tomada de poder reverberou e atingiu o território feirense. A própria vinda do capelão à Feira, teria relação direta com a ditadura na narrativa do livro.

Diante dos cenários de mudanças políticas, as ações dos personagens apontam resistência. A própria linguagem antirracista desempenha um papel importante na promoção de igualdade, inclusão e justiça social. No “Bicho que Chegou a Feira” (1991), temos a ideia de “Cecete armado”, uma expressão que corresponde ao modo político dos personagens de analisar o mundo à sua volta. Em determinado momento no livro, usa-se a ideia de “cacete armado” para fazer referência ao golpe de 1964, os personagens fazem o uso dessa dialética com o intuito de esclarecer um fato, o que chamavam de revolução, se tratava apenas de um golpe de Estado, para o controle e exploração de riquezas do país. “Cecete Armado” seria uma cultura brasileira, um jeito de fazer negócio, um improvisado, para ganhar dinheiro, ou para obter alguma vantagem, a tomada do Brasil pelos portugueses é descrita como um cacete armado no livro, assim como a instauração do governo Castello Branco, “A gente sabe muito bem que o golpe de Estado é o cacete armado do governo (SODRÉ 2008, p. 41).

Descrições sobre o cenário de Feira são encontradas em vários capítulos dos romances aqui analisados. Em “Setembro na Feira” (1986), bairros como Queimadinha, Campo do Gado, Sobradinho e Tomba, são citados ou são locais de ação dos personagens. Críticas feitas à feira são mobilizadas com o objetivo que o leitor entenda de melhor maneira as dinâmicas políticas da cidade. Se referindo a um prefeito, que faz acreditar que seus interesses pessoais são melhores para todo o povo, Juarez Bahia escreve: “Não posso crer no êxito de uma cidade, que se orienta na direção de um só homem. Isso é falso para uma cidade, para um Estado ou para um país.” (1986, p.38) Os personagens também vivenciam fortemente a modernidade, em “Setembro na Feira” (1986), há descrições, onde o fenômeno é apelidado de “rodagem”: “(...) tome ciência do que eu digo, a rodagem vai mudar tudo isto, outros homens viram, que não serão só coronéis. (1986, p. 65). As atividades econômicas feirenses são referenciadas em ambos os escritos, o fascínio pela criação de gado, que até os dias atuais se mostram rentáveis ao cenário econômico feirense, aparece como protagonista nas palavras de Juarez Bahia, assim como o ato de negociar, vender, fato também ressaltado por Sodré.

A linguagem antirracista encontrada nos romances é usada sobretudo por Muniz Sodré, que se apodera do candomblé e do espiritismo para ressaltar o passado histórico do seu povo. Como acreditava Fanon (2008, p.46-47), o negro por vezes é entendido e visto pela sociedade como um povo sem passado histórico, para ele a origem dos esforços dos negros em resgatar suas raízes mais longínquas, dialoga com essa visão racista do mundo branco. Ao resgatar a fé originária de povos majoritariamente negros e africanos, Sodré assume uma postura antirracista e busca estabelecer e lembrar seus leitores do passado negro. O personagem Antão, explícita em certo momento no livro como usa a linguagem enquanto ferramenta antirracista.

“Sem jamais ter ido a escola, aprendendo a ler e a escrever por conta própria, Antão percebera cedo que a palavra de doutor podia ser usada como chicote em lombo de besta e metera na cabeça que também podia empunhar essa arma, para não se confundir demais com a origem, qualquer coisa para não se passar por tabaréu.” (SODRÉ, 2008, p.17)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Juarez Bahia e Muniz Sodré, se mostraram sujeitos políticos ao longo de suas vidas e publicações, traço pessoal é transmitido aos seus personagens, o protagonista, descrito por Sodré como “Antão Pereira das Neves: um metro e noventa, quase cem quilos, mulato, rosto redondo e olhos ligeiramente apertados” (SODRÉ, 1991, p.12), e o Florêncio um homem de origem humilde, nascido na queimadinha, que pouco fala mas que muito capricha no seu agir, se mostram sujeitos posicionados. Os autores usam suas escritas e seus personagens de forma significativa, utilizam o discurso como arma política para apresentar um cenário fidedigno à época em que buscam representar, além disso demonstram a resistência, bravura, que certamente, não se limita ao mundo ficcional. As representações imagéticas dos negros feitas por Bahia, e também por Sodré, mostram pessoas cientes, mesmo com as limitações que a repressão e pobreza da época lhe enquadravam, a linguagem antirracista por eles produzidas podem evidenciar, que na Feira de Santana das épocas retratadas, vários Florencios, Dos Anjos, Santinha, Zé da Taboca e Antão, viveram e operaram os rumos da história, agiram em prol da justiça social com as armas que estavam a seu alcance, nesse caso com a linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- HUNT, Lynn. História, Cultura e Texto. In: _____ (org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 1-29.
- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Muniz. O golpe de Estado de 1964 na Bahia. **CLIO: Série História do Nordeste**, v. 22, n.1, 2004.
- LINS, Rafael Quintela Alves. Era cinza do céu do sertão: notas sobre o golpe de 1964 em Feira de Santana/BA. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasília - DF, 2017.
- SAMPAIO, Gastão. **Feira de Santana e o Vale do Jacuípe**. Salvador: EGBA, 1979.
- SILVA, Diego Lino Silva e. OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana. “Vá bater naquele negro que eu garanto”: marcadores raciais na Bahia (1940 – 1960). *Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB EM TEMPO DE HISTÓRIAS | Brasília-DF | n. 36 | p. 423-440 | jan./jun. 2020.*
- SODRÉ, Muniz. **O bicho que chegou a Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.